



UNICAMP

P24.103

EVENTO: Carlton Dance 95

VEÍCULO: JORNAL DO BRASIL

DATA: 05 jun 95

PÁGINA: 06

SEÇÃO: CADERNO B



DANÇA DO SILÊNCIO

NAYSE LÓPEZ

ARRANCAR uma reação de espanto ou sofrimento do público está cada vez mais difícil. Já se viu de tudo. Mas às vezes, surge um homem estranho como o israelense Ohad Naharin e, sem muitos apetrechos faz o público que foi ao Teatro Municipal no fim de semana do Carlton Dance Festival se mexer nas poltronas. Depois do poético e corajosamente ingênuo *Não te falei para vir por aqui?*, da brasileira Márcia Rubin, o Batsheva Dance Company, mostrou porque a companhia ganhou mundo falando — gritando — em hebraico e dançando em silêncio. *Mabul* foi aplaudido de pé por uma plateia que se inquietou com uma longa coreografia sem música e um inusitado *pas-de-deux* entre um bailarino e um hamster.

A noite começou na hora e com mais da metade da casa cheia. Quando a pequena Márcia Rubin surgiu no palco ficou logo claro que ali ninguém tinha medo de ser ingênuo no melhor sentido. As relações amorosas foram se sucedendo numa coreografia simples e que mantém a linha de trabalho teatral da coreógrafa. Apesar do nervosismo dos bastidores — os ensaios atrasaram e Márcia só terminou o seu na manhã de sábado — a luz de Paulo César Medeiros e o cenário do pintor Daniel Senise foram espetáculos por si só e ajudaram a fazer da curta e precisa história um espetáculo visual perfeito. O público

Bailarino israelense Ohad Naharin mostrou no Carlton Dance coreografia sem som e 'pas-de-deux' inusitado



Batsheva cria coreografias em que o movimento dispensa a música

aplaudiu os quatro casais de bailarinos ora apaixonados, ora desesperados.

Uma voz avisou que o intervalo seria longo, 35 minutos, para a mudança de palco. Quando as luzes se apagaram de novo, o público esperou começar a música que só apareceu mais de dez minutos depois e logo entendeu que alguma coisa seria diferente. Naharin mostrou um espetáculo impressionante, onde o movimento tem poder e dispensa a música. O próprio Naharin — numa participação especial, já que ele quase não se apresenta mais como bailarino — chefiou uma horda de seres que alternava apatia e explosões de violência, embalados pelo próprio coreógrafo cantarolando um lamento. O público adorou. Sem intervalos, o espetáculo arrancou várias ondas de aplausos do público.



Radicalidade do Batsheva

Mas os momentos mais aplaudidos não foram as coreografias complexas — verdadeiras esculturas. Mesmo assustado com alusões à tortura, o público aplaudiu a história contada por Naharin. Uma história de horror com cínicos momentos românticos e pôs um bailarino dançando com um enorme hamster branco passeando pelo corpo, para desespero de alguns na plateia.

O espetáculo *Mabul* cativou mesmo o público quando mostrou que seus bailarinos são mais que corpos bonitos. Naharin passou por períodos históricos de sonho ou pesadelo, usou canto gregoriano — cantado pela própria companhia — e uma coreografia feita ao som da percussão tirada do corpo de um dos bailarinos. Depois, um triângulo amoroso sensual e patético, onde duas moças se beijam apaixonadamente. O público se encantou pela radicalidade e a técnica impressionante de corpo, voz e interpretação do Batsheva.

NO FOYER

☐ O belo espetáculo de Márcia Rubin foi perfeito para uma noite cheia de casais e sem estrelas. Pena que um *mauricio* apaixonado tenha esquecido de desligar o celular. Levou uma bronca da respectiva *patri-cia*.

☐ A produção pode começar a pensar numa outra estação do ano para fazer o Carlton. A longa coreografia silenciosa do Batsheva na verdade teve como fundo um desagradável coro de tosses. Tem gente gripada demais em junho.

☐ Foi só elogiar. No sábado, os fiscais da prefeitura desapareceram da frente do Municipal, onde oito flanelinhas e quatro policiais do Batalhão de Choque da PM conviviam em harmonia.